

Poetry Series

carlos A.c. Libera
- poems -

Publication Date:

2018

Publisher:

Poemhunter.com - The World's Poetry Archive

carlos A.c. Libera()

Carlos ac libera; Romancier, University Teacher, Ceo Industrial

Advanced Neurobiology By

Peking University

Modern & Contemporary Poetry ("ModPo")

By University of Pennsylvania

The Sustainable Development Goals

By University of Copenhagen

Cana De Açucar

Cana de Açucar,
açucarado, entre as tardes lentas,
no pó da estrada,
à beira mar, cana de açucar,
vim te provar

carlos A.c. Libera

Deixa Me Brincar Maieé

Berto, vem cá...
deixa me brincar maieé
Berto, vem cá
oh canalha do diabo, vem cá, Berto;
deixa me ficar maieé
Berto, vem cá
deixa me deitar maieé
vem cá Berto
oh canalha do diabo;
oh maieé deixa me estar
vem cá berto, vem cá
oh maieé estou a brincar
Ouviste me a chamar; Berto vem cá,
oh maieé já vou,
oh canalha do diabo,
vem cá Berto
deixa me nadar maieé
aié se vou ai; vem cá Berto
oh maieé deixa me estar

carlos A.c. Libera

Difamação E Calúnia

Difamação e calúnia
vozes e encantos de revolta
o presidente caminha arido e vaidoso
vozes e encanto sem razão
a tertúlia do dia, do desgaste e da afirmação;
fracassos escondidos superados por chros escassos

A penúria dos vivos
a pronúncia dos mortos
são numeros, são vitimas
tudo em nome da constituição
o régido e o abutre sem comparação
O que de esfomeado por ali caminha
lixeiros de kilamba, kilamba de ofensas
um povo em constante mutação

O sonho angolano; o sonho desfeito
as urbes desajeitadas da reconstrução
angola desfeita; angola em lágrimas
em embustes de confusão
perfilhados de aventureiros; da corrida
ao ouro, das crises e dos imbondeiros que resistem á passagem do tempo

albert caluanda

carlos A.c. Libera

Famelga Da Minha Paz

âiuê Muxima..Muxima, de todos, louvores,
Os consolos, o quem em vão peço socorros,
A quem vão todos os anos, Muxima,
de pés descalços ou de chinelos
ou cabaçade peixe,
Ofereço, favores, lamentos ou os votos,
as perdas e choros,
ou a famelga da minha paz

carlos A.c. Libera

Fortaleza D São Miguel

Fortaleza d são Miguel,
quantas gentes arrebatas te
quantas falézias avistas tes,
quantas naus viste,
quantas mulheres acolheste,
quantos frades, a missão,
quantos fogos de ti tiras te o pão,
quantas mares te visitaram,
quantas leis te obrigas te,
quantas artes de azuleijos moldas te,
quanta terra batida foi erguida,
quantos prisioneiras ai detida, ~
quanta fome passaste,
quanta guarida aos axiluandas,
e ainda continuas a ser...
a nossa estandarte de Assunção

carlos A.c. Libera

Metralhada De Madeira

Aiwê, metralhada de madeira,
soldado novinho que se arma de menino,
desvirtuado do caminho,
o rancor da guerra e nuvens cinza,
a querer ter a coragem dos homens
ao virar para estrada,
ao brincar às escondidas,
do camuflado e balas fingidas,
os heróis do prenúncio,
no musseque, uma arma contra o medo,
na terra tudo se improvisa,
se se nasce na guerra
todo o ruído, agita
todo som acorda,
são meninos da guerra,
são os meninos de angola

carlos A.c. Libera

Muxima Âiuê Muxima

dos escalabros ventos da mocidade
muxima âiuê muxima

aventuras passadas em massangano
das rezas, e do pastorição
esse kwanza que não para
essa flor que não arrebenta
essa palanca que empalidece

muxima âiuê muxima

nas matas me redrobo debaixo do imbondeiro
nas vergas da canoa passo sem olhar
alheio ao perigo, alheio a tudo

muxima âiuê muxima

sem canelas, sem axiluandas
ou se me rio do rio ou me atiro ao mar

muxima âiuê muxima

ai muxima, muxima vem agora me salvar

albert caluanda

carlos A.c. Libera

Mwana Pwo Danças

Mwana Pwo Danças , no luar ,
nos diamantes das Lundas
a fazer Muaya wa cyanda,
Mwana Pwo
o soluço do Mukhombo da muatha,
Lanças uma Guerreira flecha,
e os convite nos cotas-txotas,
sim ..estás mulher, estás te a mudar,
estás na fase do Kafundeji ,
Hoje não vai haver xima ,
Nem Matamba, acompanhar
Hoje, vai haver a "Dança dos Cokwe ";
Nas aldeias, não nomato, até o suor,
da labuta noite, a hiena uivar

carlos A.c. Libera

Navios De Luanda

Navios de luanda, lugar costeiro,
de manchas, de glamour ou copos
do marinheiro

Navios de luanda, lugar aventureiro
de lanchas, de suicídios ou bêbados
de rasteio,

Navios de luanda, lugar petisqueiro
de bravas ondas, de tubarões ou baleias
de passeio

Navios de luanda, lugar forajeiro,
de naus encalhadas, velhas e novas sucatas
de cemitério

Navios de luanda, cantos do mundo,
vêm te buscar, com fortunas e desgostos
para nos contar
As profundezas das tuas águas quentes,
a todos fazem lembrar,
quantos desembarcastes, para ali ficar,

Navios de luanda,
se pudesses serias sal, água e areia,
adormecida de mistérios, tantos mas tantos,
de tantas vidas ali viste passar

carlos A.c. Libera

Oh Fogos De Quimera

Oh lindos arvoredos, e salivas quentes
nos matam de desejo,
naquela arvore do quintal,
mangas, e figos da india,

oh fogos de quimera,
nas tardes lentas, ,
do amor pela brincadeira
oh chuva que cais te
no quintal do coqueiro
cais te quente,
como cais te quente,
de gotas nos meus lábios,
cais te quente,
como cais te nas brincadeiras

oh raios que fumegam,
na minha pele, a mel da manga,
a mel do figo da índia,
jorras te a doce novidade,
mas foste o mais doce passatempo

carlos A.c. Libera

Oh Quintadeira Descalça

Ares perfidos da poeira vazam pelos cantos
na domingueira rua da marginal em luanda
o cheiro a peixe deixa a saudade de voltar
assim procuro a quitanda

Oh quintadeira descalça
que apregoas o silvo da prelada batina
tuas saias são flores sem missanga
tuas ladras esquentam o pão da sobrevivência

andas, andas pelas ruas do muceque
escaldas o peixe com batata doce
Oh filhos de sobras nos lábios
deitas te assim a pensar na quitanda

andas, andas pelas ruas da cidade
escondes as lágrimas sem rima
espias as notas nos seios
se assim sacias as sobras da kianda

Oh quintadeira descalça
se se te encontras a beira da estrada
alguém por perdição não será desgraça
mesmo pela graça das tuas bonança

carlos A.c. Libera

Oiça Lá Oh O Desterro Da Terra

Oiça lá, o desterro da terra,
dos vermesnegros que inundaram o país ciúme,
a vergonhosa campanha da corrupção,
de abolir a fama do branco,
de lamúrias, na vaidade de infame,
negro, mestiço, açoitou o povo de enganos,
açoitou o alimento de veneno...
"vilão que nasce vilão sempre vilão será,
ainda que das pedras se cubra de musgo,
um dia a sua mentira desvendará"
colheitas, e anos perdidos, sinos destronados,
igrejas vazias a reboques uns ouvia, outros acudia,
oiça lá
Ainda vindouros, os anos que serão de cobiça,
a alheia vertigem da maldade,
cair no ridículo e penas quebradas,
não saíram do enfermo e nem da moléstia,
ao sucumbir do sarcásticoe da avareza,
oiça lá
Quantos abutres se compoêm, uma manada,
Quanta caça se faz uma caçada
Além de melancolia, ficou a nostalgia,
De nada ter ganho, nada a criar para o ganho,
oiça lá
Se ouvir satisfaz a trombeta do futuro,
Se ouvir faz a gorjeta do lucro,
Se tudo assim se acabou de se prostituir

carlos A.c. Libera

Vergonha

VERGONHA, alimentas a cegonha,
alimentas

VERGONHA

alimentas a cegonha/
a cegonha envergas/
a cegonha alimentas/
a cegonha libertas

a cegonha da vergonha/
a cegonha traz o leite,
enche o papo e nada faz/
a cegonha chega ao ninho/
e do alimento davergonha/
/ a cegonha da vergonha/

carlos A.c. Libera